

Apontamentos sobre as variantes lexicais de *porvinha* no norte mato-grossense

Considerations on the *porvinha* lexical variants in the north of the state of mato grosso

Apuntes sobre las variantes lexicales de *porvinha* en el norte mato-grossense

Neusa Inês Philippsen

Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo

Neste artigo, que se desenvolve a partir das áreas de concentração da Geolinguística contemporânea e da Sociolinguística Variacionista, propõe-se refletir sobre a língua portuguesa falada em quatro cidades do norte mato-grossense. Como objeto de análise, destacam-se registros e tessituras interpretativas das variantes lexicais do tema *porvinha*. O resultado dessa análise constitui parte da documentação referente à diversidade linguística desses espaços geográficos, oriunda do contato de todos os dialetos e idioletos trazidos por migrantes de suas regiões de origem, e, por conseguinte, descreve um recorte da linguagem utilizada pela comunidade para representar o mundo sociocultural que a cerca.

Palavras-chave: Diversidade linguística, constituição do português na região norte mato-grossense, variantes semântico-lexicais de *porvinha*.

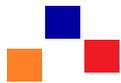
Abstract

In this article, which is developed from the areas of concentration of contemporary Geolinguistics and Variationist Sociolinguistics, it is proposed to reflect on the Portuguese Language that is spoken in four cities in the North of the State of Mato Grosso. As the object of analysis, records and interpretations of lexical variants of theme mixture were done. The results of that analysis is part of the documentation related to the linguistic diversity of those geographic areas, originated from the contact of all dialects and idiolects brought by migrants from their home regions, and therefore describes a specific language used by the community to represent the sociocultural world around it.

Keywords: Linguistic diversity, constitution of the portuguese in the north of the State of Mato Grosso, *porvinha* lexical variants.

Resumen

En este artículo, que se desarrolla a partir de las áreas de concentración de la Geolingüística contemporánea y de la Sociolingüística Variacional, se propone reflexionar sobre la lengua portuguesa hablada en cuatro ciudades del norte mato-grossense. Como objeto de análisis, se destacan registros y contexturas interpretativas de las variantes léxicas del tema *porvinha*. El resultado de este análisis forma parte de la documentación referente a la diversidad lingüística



de esos espacios geográficos, oriunda del contacto de todos los dialectos e idioletos traídos por migrantes de sus regiones de origen, y, por consiguiente, describe un recorte del lenguaje utilizado por la comunidad para representar el mundo sociocultural que la rodea.

Palabras clave: Diversidad lingüística, Constitución del português en la región norte mato-grossense, Variantes semântico-lexicais de *porvinha*

Introdução

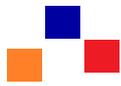
Neste estudo de bases geo-sócio-linguísticas, que envolve as áreas de concentração da Geolinguística contemporânea e da Sociolinguística Variacionista, propõe-se a refletir, a partir da análise das variantes lexicais de *porvinha*, sobre a língua portuguesa falada em quatro cidades do norte mato-grossense (Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia). Descreve-se, por sua vez, um recorte da linguagem utilizada por estas comunidades linguísticas no presente.

Nesse sentido, Cristianini (2007, p. 36) acentua que

[...] a análise de aspectos semântico-lexicais da fala de um grupo humano, especialmente num recorte regional, proporciona a recolha de formas lingüísticas que denotam as influências socioculturais sofridas por esse grupo. Assim, podemos falar da força criadora da linguagem que, por vezes, atravessa fronteiras políticas e naturais, infiltrando-se, de forma sutil, em culturas e sociedades diversas .

Apresenta-se, neste artigo, parte das discussões feitas na tese intitulada *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais* (PHILIPSEN, 2013), defendida na Universidade de São Paulo (USP). O recolhimento dos *corpora* da pesquisa se fez, inicialmente, por meio de vinte relatos de experiência pessoal, apreendidos em entrevistas induzidas, gravadas em áudio, feitas com pioneiros dos quatro pontos de inquérito citados. Em seguida, formularam-se 210 questões, amparadas, fundamentalmente, na materialidade linguística das narrativas apreendidas e na versão final do questionário linguístico direcionado ao aspecto semântico-lexical (QSL), aprovada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001). Estas questões foram aplicadas a quarenta sujeitos, divididos em igual número entre os gêneros feminino e masculino, vinte, mesma distribuição numérica que se fez entre as duas faixas etárias selecionadas, de 18 a 40, para os nascidos na região, e acima de 50 anos, para os migrantes vindos de outras regiões do Brasil e moradores locais há pelo menos um terço – 1/3 – de suas vidas. Com a conclusão das entrevistas e a reunião dos *corpora*, o passo seguinte foi catalogar os dados responsivos em tabelas, quadros e cartogramas, no intuito de mostrar as variantes diatópicas e socioculturais efetivamente em uso nos pontos em análise. A importância desses registros se deve à visão dinâmica de cada forma descrita, ou seja, compreendo, em consonância com Busse, que

[...] o caminho percorrido pelas formas no espaço refaz o trajeto do homem, e muito mais: revela a organização do grupo, o papel de cada cultura e etnia naquela comunidade. [...] Os fenômenos revelados pelas



cartas linguísticas resultam na identificação de áreas conservadoras, áreas inovadoras, áreas de difusão e áreas de transição. Essas áreas nem sempre se encontram nos limites políticos das localidades. Surge, assim, a compreensão de que a língua não tem fronteiras, não respeita os limites instituídos pelos homens; está condicionada, porém, por aspectos de ordem geográfica e social (BUSSE, 2010, p.2).

Portanto, parto dos falantes e da fala, na sua face viva e móvel, atravessada pelas dimensões geográficas e pelos parâmetros sociais, para descrever fenômenos linguísticos, em destaque aqui os que se relacionam ao item *porvinha*, que circulam no norte mato-grossense, visto que, ainda conforme Busse (2010), o estudo da fala e as análises sobre a variação têm como índice condutor a história e a cultura do povo, pois tomadas enquanto representação do comportamento dos falantes mostram, por sua vez, como os fenômenos são moldados à luz das complexas relações sociais. Pode-se perceber, então, que a língua em seus traços mais particulares reflete as condições pelas quais os grupos vêm se constituindo.

Ressalta-se que, para se chegar aos resultados alcançados e apresentados nesta pesquisa, foram utilizados referenciais teóricos que se fundamentaram na teoria da variação de Labov (2008), na concepção de norma de Coseriu (1979) e nas noções de estatística lexical de Muller (1968), devidamente adaptadas à especificidade deste estudo.

A partir destes referenciais teórico-metodológicos, e tendo como guia o método de investigação científica adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), lancei olhar às variantes lexicais em uso pelos sujeitos moradores destas cidades em análise. Esse olhar permitiu verificar como a variedade linguística, mais especificamente no nível semântico-lexical, e as implicações de natureza sociocultural, foram constituídas e se expandiram na região norte mato-grossense.

1. Mobilizações teórico-metodológicas e contextuais

Conforme salientado, apresentar e analisar uma amostra do falar, de acordo com fatores diatópicos e aspectos de natureza sociocultural, em quatro municípios do norte de Mato Grosso: Sinop, Santa Carmem, Cláudia e Vera, fundados a partir da ação de uma colonizadora denominada *Colonizadora Sinop S.A.* nos anos 1970, é a proposta diretriz desta pesquisa de natureza dialetológica neste espaço geográfico, integrante da Amazônia Legal.

Atualmente, Vera conta com uma população de 10.235 habitantes que atuam em atividades relacionadas à economia madeireira ou à reestruturada agricultura, principalmente na produção de grãos, como a soja, o arroz e o milho. Já Santa Carmem conta com uma população de 4.021 habitantes, que atuam em atividades tais como: indústria madeireira, agricultura, agropecuária e prestação de serviços. Quanto à cidade de Sinop, é a quarta maior de Mato Grosso em número de habitantes e conta hoje, em apenas 39 (trinta e nove) anos de fundação, com uma população de 111.643

habitantes, tendo uma economia diversificada, sendo, contudo, conhecida como polo educacional. E Cláudia possui uma população de 10.635 habitantes¹, apresentando, no momento, uma economia em que se destacam, na agricultura, as produções de arroz, soja, milho, feijão e coco; e na pecuária, a exploração de gado de corte e leite pelo sistema extensivo.

Vale ressaltar a pluralidade de falares que se encontram nessas cidades, os quais se modelaram a partir do Projeto de Integração Nacional (PIN)², sancionado à época pelo Presidente da República, General Emílio Garrastazu Médici, com a vinda de gentes oriundas de diferentes Estados brasileiros – São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Paraíba, descendentes de italianos, alemães, japoneses, suecos, ingleses, portugueses, ucranianos, poloneses, espanhóis, indígenas e africanos –, conforme os vinte pioneiros entrevistados, sujeitos de pesquisa deste trabalho.

Compreendeu-se, assim, que, neste contexto, “a geografia linguística é essencial para reconstruir a história das palavras, das flexões, dos agrupamentos sintáticos, de acordo com a distribuição de formas e tipos no presente” (DAUZAT, 1922, p. 31), ou então, como ressalta Iordan, “a geografia lingüística significa a representação cartográfica do material lingüístico com o objectivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos” (IORDAN, 1962, p. 273).

Todavia, não se pode deixar de se levar em consideração, também, o lugar da variação social, que remete ao “comportamento expressivo representacional” em cada ato de fala, pois,

[...] por ‘social’ entendo aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por ‘estilística’, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento ‘expressivo’ – o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística (LABOV, 2008, p.313).

Amparada, fundamentalmente, por tais pressupostos teóricos, dei então sequência à organização dos dados observando inicialmente a quantificação numérica relacionada à frequência e à distribuição dos itens lexicais obtidos como respostas para as 210 perguntas

1 Os dados referentes às informações populacionais das quatro cidades foram apreendidos do Censo de 2010, publicado no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010.

2 O PIN, criado pelo Decreto-Lei nº. 1.106, de junho de 1970, tinha como finalidade específica financiar o plano de obras de infraestrutura das regiões compreendidas nas áreas de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e promover sua rápida integração à economia nacional. A primeira etapa do PIN compreendeu o Plano de Irrigação do Nordeste e a construção das rodovias Transamazônica e da Cuiabá-Santarém (MÜLLER; CARDOSO, 1977).



que emergiram de 14 áreas semânticas desta pesquisa: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, atividades agropastoris e extrativo-florestais; fauna; ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana, transportes e orientações geográficas e doenças e tratamentos.

Essas observações me levaram à necessidade de uma fundamentação teórica que abarcasse as noções de frequência e de distribuição semântico-lexicais nos pontos de investigação. Para tanto, vali-me de teóricos como Muller (1968), Coseriu (1979, 1980), Barbosa (1979, 1989), Santos (1991, 2006), Cristianini (2007), Augusto (2012), entre outros linguistas que retratam concepções de norma intrínsecas à fala. Cabe salientar que os conceitos fundamentais que envolvem esses fenômenos da linguagem são os relacionados à distinção tripartida apresentada por Coseriu (1979) entre sistema, norma e fala, sendo a norma, vista por esse autor, como a realização “coletiva” do sistema no falar de uma comunidade.

A essa relação conceitual concebida por Coseriu, Barbosa acresce, pautada na Linguística Estatística de Muller (1968), à definição de norma, ou aos modelos de realizações concretas feitas por grupos de indivíduos, a observância do “conjunto dos fatos de alta frequência e distribuição regular” (BARBOSA, 1989, p. 573-4). Assim, em conformidade com essa autora, Cristianini aponta-nos os caminhos para a “descrição de uma normalidade” (CRISTIANINI, 2007, p.104). Esses caminhos deslizam para a compreensão de que a distribuição regular de um item lexical ocorre quando ele é utilizado por sujeitos em todos os pontos da comunidade em questão, enquanto a frequência se identifica pelo maior uso quantitativo de uma dada palavra, ou seja, destaca-se como a mais empregada dentre as possibilidades semântico-lexicais disponíveis pelos falantes na região em estudo.

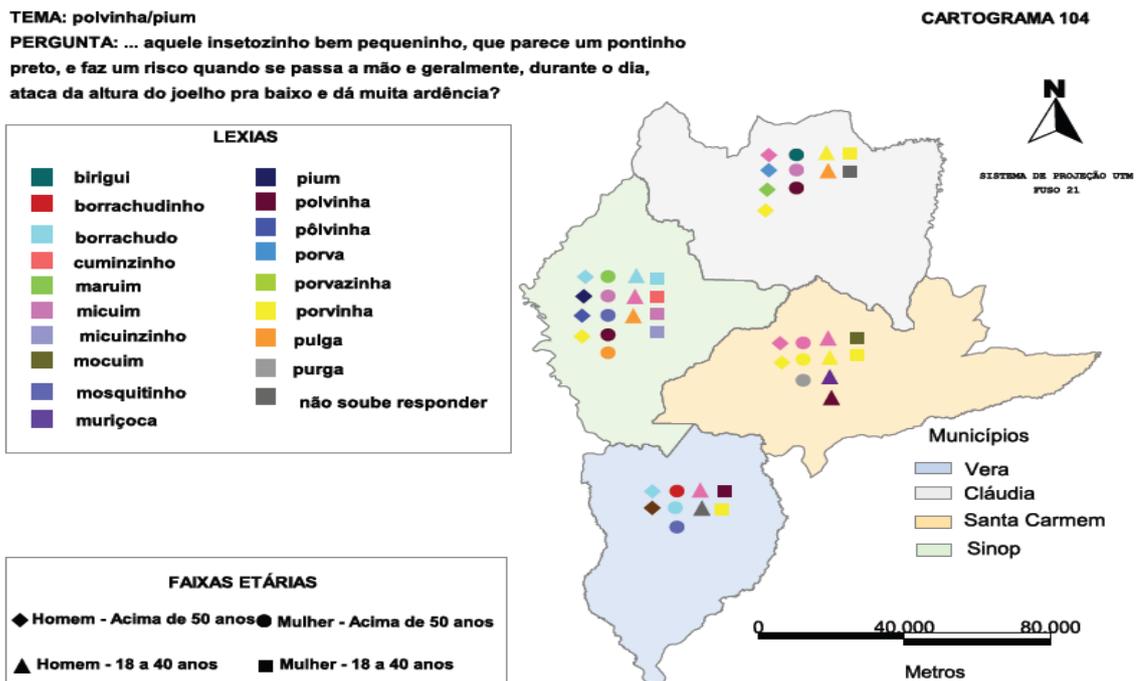
Apresento, na subsequência, tão somente por questões espaciais, apenas o recorte das considerações analíticas tecidas ao item lexical *porvinha*, o qual, integrante da área semântica Fauna, foi dado como resposta à seguinte questão do QSL elaborado para este estudo: *...aquele insetozinho bem pequenininho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência?*

2. Alinhavos de análise

Vale ressaltar, inicialmente, que em um estudo geolinguístico um conjunto de normas sociais na fala coletiva de uma comunidade deve ser considerado, bem como é necessário observar que uma língua histórica apresenta sempre variedades internas, que se alinhavam, essencialmente, a partir das diferenças geográficas (diatópicas), entre os estratos socioculturais de uma comunidade linguística (diastráticos) ou ainda entre os distintos tipos de modalidade expressiva (diafásicos).

Dessa forma, para a verificação da norma, assim como da distribuição (regularidade e sistematicidade) das variantes léxicas trazidas ao corpo de respostas à questão supracitada, apresenta-se, abaixo, o cartograma gerado para o enunciado:

Cartograma 1: Distribuição e normatização das variantes léxicas.



Fonte: Dados da autora

Neste Cartograma verificam-se dois itens lexicais que se apresentam em igual número com maior ocorrência, respectivamente, *micuim* e *porvinha*, ambos com quatorze respostas, distribuídas em todos os quatro municípios pesquisados. O primeiro deles, falado em equidade por homens e mulheres, sete proferições de cada gênero, realça, contudo, distinção numérica entre as faixas etárias, tendo sido proferida por seis respondentes com mais de 50 anos e por oito jovens, de 18 a 40 anos, e difere também dos itens/tema da questão: *polvinha* e *pium*. Localizam-se, ainda, nos dados elencados acima, duas variantes de *micuim*: o diminutivo *micuinzinho*, dito apenas por uma jovem, de 18 a 40 anos, da cidade de Sinop, e a que exhibe variável da vogal alta /i/ em posição inicial pela média-alta /o/, *mocuim*, mencionada somente por uma jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem.

Já o segundo, quanto à frequência, evidencia um número maior de respostas entre os sujeitos masculinos, nove, *versus* cinco entre os femininos, mas divididas em igual número entre as atribuições responsivas dadas por entrevistados acima de 50 anos e por jovens, de 18 a 40 anos, sete de ambos; é importante salientar que o item lexical *porvinha*, norma desta comunidade linguística juntamente com o item *micuim*, se constitui em um rotacismo do tema *polvinha*, item este também manifestado nos dados, todavia com menor número de ocorrências, cinco, tendo sido proferidas por três sujeitos com mais de 50 anos, uma mulher de Sinop, um homem de Vera e uma mulher de Cláudia, assim como por dois respondentes jovens, de 18 a 40 anos, uma moça de Vera e um rapaz de Santa Carmem.

Destacam-se, para este item normativo, também, na coletânea dos dados, além das duas variantes apresentadas, ainda outras: a que mostra alteração do segmento vocálico inicial em que a vogal média-alta aberta /o/ é pronunciada fechada, *pôlvinha*, citada unicamente pelo

sujeito de Sinop, S12 M³, de descendência italiana; o substantivo primitivo *porva*, propalado só por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia, e o diminutivo *porvazinha*, aludido igualmente apenas por um homem, acima de 50 anos, de Cláudia.

Salienta-se que, de acordo com as respostas registradas para a pergunta citada acima, é possível constatar que há uma ligeira confusão de interpretação semântica com relação aos espécimes trazidos como respostas ao conceito desta pergunta. Assim, convém especificar conceitualmente as distinções entre a forma larval do *Amblyomma cajennense*, popularmente denominada de *micuim*, e a espécie *culicoides paraensis* conhecida, na região norte de Mato Grosso, com ênfase normativa em *porvinha*.

De acordo com o site Vida Ambiente Service, o *carrapato-de-cavalo* ou *carrapato-estrela*

[...] é o que mais comumente parasita o homem. Também infesta mamíferos domésticos e silvestres e aves. Em sua forma adulta, ele é conhecido como carrapato-estrela. Fica grande, do tamanho de um feijão verde, ou até maior. A sua forma larval, o *micuim*, está nos pastos no período de março a julho. Este tipo de micuim, que pode ficar até 24 meses sem se alimentar, esperando um hospedeiro, no homem causa terrível coceira e inflamação que pode durar mais de um mês⁴ (grifos meus).

Segundo Posseti, o mosquito *pólvora*, *porvinha* ou *polvinha* é uma espécie de inseto que

[...] possui este nome devido ao tamanho pequeno e cor que lembra um grão de pólvora. [...] suas características o tornam um inseto muito difícil de ser combatido, e por isso tão nocivo se infestado em nosso meio, seu tamanho pequeno (cerca de 2mm) o deixa passar pelas aberturas de telas e de tão adaptado ao meio ambiente os repelentes pouco podem fazer para evitá-lo. A sinonímia **Maruim** tem origem tupi e seu significado é de “mosca pequena”. [...] As espécies mais conhecidas no Brasil são “*Culicoides paraensis* ou *C. furens*”, mas vale lembrar que centenas de espécies fazem parte do gênero “*Culicoides*”. [...] se reproduz em lugares alagados, como banhados, onde existe matéria orgânica em decomposição, este inseto é responsável pela transmissão da virose oroposche⁵ (grifos do autor).

Quanto ao item lexical/tema *pium*, ressalta-se em tão somente três respostas expressas por homens acima de 50 anos, todos do ponto de inquérito Sinop.

2.1 O item lexical *porvinha*: apontamentos sócio-semântico-lexicais

O item lexical *porvinha*, variante fonética e morfológica de *pólvora*, esta que provém do latim *pulvera*, não foi localizado como entrada em nenhum dos seis dicionários selecionados para a averiguação semântico-lexical dos registros deste item em análise –

3 S12 M é pioneiro de Sinop e residente antes da migração em Salete no Estado de Santa Catarina.

4 Disponível em <http://www.vidaambiente.com.br/conteudo.asp?id=2&conteudo=19>.

5 Disponível em <http://vigiar.blogspot.com.br/2012/05/porvinha-que-mosquito-e-esse.html>.



Bluteau (1712), Pinto (1832), Aurélio (1986), Aulete Digital, Bossle (2003) e Navarro (2004) – conforme se pode ver abaixo:

Quadro 1: Reflexões analíticas sobre o item lexical *porvinha*.

Dicionário Entrada	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Dicionario da Língua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
PORVINHA					<p>(BORRACHUDO) Zool. Espécie de mosquito que ataca em bando, durante o dia. (p.90)</p> <p>(MICUIM) Zool. Nome de um pequenino inseto parasita, quase invisível, que vive nos arbustos e nos gramados e ataca homens e animais, produzindo comichão incômoda. (Do tupi.) (p.336)</p>	<p>(MARUIM/ MARUINS) Do tupi 'mberuí' (mosca pequena). Insetos de 1mm a 2mm, cujas fêmeas são hematófagas. Atacam em massa ao amanhecer e ao entardecer, de preferência nos mangues e margens dos rios. Transmitem filariose e têm vários nomes no país: meruí, meruim, maringuim, mosquito-do-mangue, mosquito-palha, catuquim, bembé, mosquito-pólvora. O Dicionário Aurélio não registra as palavras como originárias do Nordeste, mas quase ninguém as conhece fora da região. (p. 228-229)</p>

Fonte: Dados da autora.

Todavia, segundo o quadro acima, a sinonímia *maruim*, de origem tupi, é encontrada no Dicionário do Nordeste (2004), com o sentido proposto pelo conceito da questão ...*aquele insetozinho bem pequenininho, que parece um pontinho preto e faz um risco quando se passa a mão e que geralmente, durante o dia, ataca da altura do joelho pra baixo e dá muita ardência* do QSL deste estudo. É importante observar, ainda, que o Dicionário Gaúcho Brasileiro (2003) traz as entradas *borrachudo* e *micuim*, ambas citadas também por sujeitos como respostas a esta pergunta.

Estas constatações evidenciadas pelos registros nos dicionários regionais podem auxiliar na explicação da confusão de interpretação semântica, que apontei acima, visto que na região sul do país conhece-se o “mosquito” *borrachudo* e o “pequenino inseto” *micuim*, enquanto no nordeste é comum a “mosca pequena” *maruim*, também chamada de *mosquito-pólvora*. Assim, a mistura desordenada de itens lexicais responsivos que foram atribuídos ao conceito da questão está diretamente relacionada à mescla regional que compõe o todo da comunidade linguística norte mato-grossense.

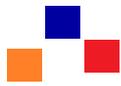
Esse misto de escolhas lexicais também pode ser observado no relato de experiência pessoal do pioneiro de Sinop, S12 M, proveniente antes da migração de Saleté/SC, ao narrar sobre as dificuldades enfrentadas no início da colonização, como se pode ver no seguinte fragmento:

No Teles Pires, você já teve no Teles Pires? Você não parava assim como você tá, cinco minutos, mas nem querendo, né, forçado, de tanto *pôlvinha* que tinha. *Pôlvinha* é um mosquitinho, bichinho. Como é que chama, outro nome... Lá em Juruena chama o *pium*. *Pium*. É um mosquitinho, você não vê de pequenininho que é, mas ele era doído. É miudinho, mas você passa a mão assim quase não sente. [...] Ainda tem *pium*, só que agora é 10 % do que tinha, mas tem. Deixa manchinha vermelha. Aquilo virava um vermelhão só de tanto que tinha; demais, demais. Eu achei que isso nunca ia acabá e hoje tem pouquinho, tem dia que tem, tem dia que não tem. Mas era desse jeito que tinha na época. Era complicado. Você tinha que vesti uma camisa de manga comprida, se protegê por tudo, porque senão você não aguentava, mesmo que tomava uns goró meio forçado pra aguentá o tranco. Risos...

Para enaltecer ainda mais este estado de confusão que apreendi em meus dados, vale conferir, abaixo, a conceituação do *Simulium pertinax*, popularmente conhecido por *borrachudo*, apresentada por uma empresa prestadora de serviço paulista:

Os *borrachudos* ou *pium* são dípteros pertencentes à família Simuliidae. Em muitos lugares eles impressionam pela grande quantidade e pela picada, que pode causar alergia. São pequenos, semelhantes a pequenas moscas, ocorrendo no Brasil cerca de 40 a 50 espécies⁶ (grifos meus).

6 Disponível em <http://www.alphaservicecontrol.com.br/borrachudo.html>.



Dessa forma, de acordo com os resultados evidenciados, especificamente com relação ao item lexical *porvinha*, verifica-se que há um deslocamento de sentido para este item neste contexto sócio-histórico e geográfico regional. Assim, pode-se afirmar que se trata de uma inovação semântica, visto que *porvinha* imprime, na região norte de Mato Grosso, acepções peculiares e com particularidades pertencentes a esta região em estudo.

Ressalta-se, ainda, que, conforme estes resultados obtidos dos dados, é possível asseverar que o item lexical *porvinha*, além de apresentar peculiaridades de sentido inerentes a este espaço integrante da Amazônia, tem uma proximidade maior aos sinônimos propalados na região nordeste do Brasil, tendo sido, contudo, absorvido, agregado ao corpo lexical e por isso também propagado pelos migrantes das regiões sul e sudeste do Brasil ao lado de seus itens regionais.

Por sua vez, destaca-se, como estamos diante de um item lexical que apresenta inovação semântica, que tal item encontra-se em efetivo uso na comunidade linguística em análise, fundamentalmente porque há uma equidade quantitativa entre as respostas dos sujeitos acima de 50 anos e entre as dos jovens, de 18 a 40 anos, sete para ambos, o que pode ser indício também de incorporação ao léxico local e de continuidade. No entanto, é válido salientar que o maior uso normativo se deu na cidade de Santa Carmem, em que seis dos oito entrevistados atribuíram *porvinha* como resposta à questão.

Reitera-se, também, que este item lexical registrou-se ao lado de outros itens, tais como, *borrachudo*, *cuminzinho*, *maruim*, *micuim*, *micuinzinho*, *mosquitinho*, *pium*, *polvinha*, *pôlvinha*, e *pulga*, na cidade de Sinop. No município de Vera, há *borrachudinho*, *borrachudo*, *micuim*, *mosquitinho*, e *polvinha*. Em Cláudia, *birigui*, *micuim*, *polvinha*, *porva*, *porvazinha* e *pulga*. E em Santa Carmem aparecem, como concorrentes, *micuim*, *mocuim*, *muriçoca*, *polvinha*, e *purga*. Dessa forma, além de *porvinha*, há ainda *micuim* e a variante fonética *polvinha* disseminados em todos os municípios, respectivamente, com quatorze e cinco ocorrências.

De acordo com os resultados apreendidos, destaca-se, ainda, que a inovação semântico-lexical, que se instaurou no norte mato-grossense, relativa ao item *porvinha*, pode estar ligada à tendência de mudanças previsíveis na língua, também denominadas de *deriva*, ou seja,

em princípio, todas as línguas têm uma tendência imanente à mudança que foi denominada por Sapir como *drift* (port. *deriva*). Tal mudança pode ser provocada (*trigger effect*) ou fomentada, em casos particulares, por fatores externos, como isolamento, contato linguístico e migração (DIETRICH; NOLL, 2010, p. 86).

Assim, se pode afirmar que as inovações e alterações que se imprimem no léxico da comunidade linguística norte mato-grossense, mais especificamente das quatro cidades em análise que integram os solos amazônicos, consistem na junção de todos os idioletos trazidos pelos migrantes de seus Estados de origem. Dessa maneira, é por meio da investigação da desterritorialização de sujeitos e, conseqüentemente, de sentidos, que



se pode compreender, conforme nos orienta Orlandi (2002), a história da constituição da língua e, a partir do conhecimento a respeito dela, se pode observar a história do país.

3. Considerações finais

De acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos à tessitura de *porvinha*, é possível afirmar, em consonância com Barbosa (1979), que as unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo.

Destaco, neste contexto, a importância do léxico como objeto de análise, fundamentalmente, “por ser a língua produto da ação histórica e sociocultural de seus falantes” (TOLEDO NETO; SANTIAGO-ALMEIDA, 2010, p. 137). Dessa forma, é no léxico que se imprimem variações e mudanças por meio de ‘novas marcas’, que refletem e refratam a história social, ideológica e cultural de uma comunidade linguística.

Foi, portanto, a partir do pressuposto de que o léxico é um saber partilhado pelos falantes de uma comunidade ou a forma particular de representar a realidade linguística local/regional, que realizei os procedimentos de análise sobre o item lexical *porvinha*, compreendendo a necessidade de se apreender o processo dinâmico, fundamentalmente a partir de considerações sobre o caráter particular em função das variáveis extralinguísticas presentes nas quatro cidades em foco.

Após esses apontamentos feitos, e sem deixar de realçar as possibilidades outras de leituras, ressalta-se, uma vez mais, que no norte mato-grossense, verifica-se, com relação aos fenômenos linguísticos e modos de falar, um multidialetalismo proveniente de distintas regiões brasileiras, trazido por migrantes que imprimiram, e ainda imprimem, marcas e características próprias à sua região de origem, as quais sintetizam a realidade da língua portuguesa em uso nas quatro cidades pesquisadas.

Referências

ALPHA SERVICE CONTROL. **Borrachudo**. Disponível em: <http://www.alphaservicecontrol.com.br/borrachudo.html>. Acessado em: 10 set. 2012, às 11h e 05min.

AUGUSTO, V. L. D. dos S. **Atlas semântico-lexical do estado de Goiás**. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em <http://www.auletedigital.com.br/>. Acesso em: set./out. 2011; abr./maio 2012.

BARBOSA, M. A. Aspectos da produtividade léxica. **Língua e Literatura**, n° 8, p. 165-183, 1979.

_____. Da microestrutura dos vocabulários técnico-científicos In: **Anais do IV encontro nacional da ANPOLL**. Recife: ANPOLL, 1989.



BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOSSLE, J. B. A. **Dicionário gaúcho brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

BUSSE, S. Uma análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná. Palhoça, SC: **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Universidade do Sul de Santa Catarina, out. 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: Presença, 1979.

_____. **Lições de Lingüística Geral**. Trad. do Professor Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

CRISTIANINI, Adriana C. **Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC** – um estudo geolingüístico. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp22/02.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2013, às 16h e 13min.

DAUZAT, A. **La géographie linguistique**. Paris: Flammarion, 1922.

DIETRICH, W.; NOLL, V. O papel do tupi na formação do português brasileiro. In: _____. (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p.81-103.

FERREIRA, A. B. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. revista e ampliada. 4. imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resultados do Censo. **Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: nov. de 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=51. Acesso em: 19 nov. 2013, às 15h e 36min.

IORDAN, I. **Introdução à lingüística românica**. Trad. de Júlia Dias Ferreira. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1962.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MULLER, C. **Initiation à la statistique linguistique**. Paris: Librairie Larousse, 1968.

MÜLLER, G.; CARDOSO, Fernando H. **Amazônia**: expansão do capitalismo. São Paulo: Brasiliense; CEBRAP, 1977.

NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste**: 5000 palavras e expressões. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

ORLANDI, E. P. **Língua e conhecimento lingüístico**: para uma História das Idéias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.



PANOSSO NETTO, A. **Vera: a princesinha do nortão: uma contribuição ao estudo da ocupação da Amazônia mato-grossense.** Campo Grande/MS: A. Panosso Netto, 2000.

PHILIPPSEN, N.I. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais.** Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINTO, L. M. da S. **Dicionário da Língua Brasileira.** Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

POSSETI, Flávio. **Porvinha? Que mosquito é esse? VIGIAR = Vigilância em Saúde.** Domingo, 06 de mai. de 2012. Disponível em: <http://vigiar.blogspot.com.br/2012/05/porvinha-que-mosquito-e-esse.html>. Acesso em: 03 set. 2012, às 9h e 15min.

SANTOS, I. P. dos. A variação lingüística e a política de ensino/domínio da língua materna. In: SÃO PAULO. Secretaria do Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Língua Portuguesa: o currículo e a compreensão da realidade.** São Paulo: CENP, 1991.

_____. Proposta de análise do aspecto semântico-lexical em atlas lingüísticos regionais brasileiros. In: CUNHA, C. de S. (Org.). **Estudos geo-sociolingüísticos.** Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006. p. 83-97.

TOLEDO NETO, S. de A.; SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Variedade do português brasileiro na trilha das bandeiras paulistas. O que há de indígena em *corpora* do projeto Filologia Bandeirante. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (Org.). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

VIDA AMBIENTE SERVICE. **Os carrapatos.** Disponível em <http://www.vidaambiente.com.br/conteudo.asp?id=2&conteudo=19>. Acesso em: 03 set. 2012, às 9h e 02min.

Recebido em 10 de março de 2016

Aceito em 30 de agosto de 2016

Neusa Inês Philippsen

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (2013). Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso. Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, e professora dos programas de pós-graduação do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLEtras) e do PROFLETRAS, na UNEMAT, *campus* de Sinop. neinph@yahoo.com.br